

"O Globo" - 22/7/60

A CRÔNICA de Rubem Braga

TURISMO

LUTA de grupos ou picuinhas políticas? Talvez apenas descaço, preguiça. A verdade é que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico não resolve nada nem diz nada sobre o ofício do Sr. Sette Câmara pedindo que se considere o turismo como indústria de base, para que, de acôrdo com seus estatutos, o B.N.D.E. possa financiar o desenvolvimento do turismo no Rio.

É possível que os honrados economistas do B.N.D.E. tenham opinião contrária à do Governador; mas que o digam, respondendo aos argumentos que acompanharam o pedido. Ignorar essa gestão é que não é possível.

Organizar o turismo no Rio é o primeiro passo para fazê-lo no Brasil. Somos exportadores e não importadores de turistas; o brasileiro gastou lá fora cerca de 52 milhões de dólares em um ano, e o estrangeiro gastou aqui cerca de 12 milhões. Como se fôssemos um país rico e feio.

O grupo de pessoas de boa-vontade que se juntou em "Rio, Operação Turismo" acha que se queremos ter essa indústria precisamos organizá-la, e para isso é necessário financiamento. Entende que só um organismo como o B.N.D.E. está em condições de fazer isso. Acho que essas pessoas têm razão; em todo caso, elas e o Governador têm direito a saber pelo menos que essa opinião não é correta. O silêncio do banco e a fuga dos seus responsáveis quando procurados são uma coisa estranha e melancólica.

"Rio, Operação Turismo" é um grupo de trabalho voluntário e sem qualquer côr política. Ali se juntaram pessoas de várias profissões, alguma delas eminentes, que têm alguma coisa prática a opinar no assunto turismo. É uma pena se o trabalho desses homens ficar inutilizado pela indiferença oficial do B.N.D.E., que nem ao menos se digna dar uma resposta negativa, e assim desanima, e acabará por paralisar esse esforço que poderia ser tão útil ao Rio e ao Brasil.

Não acredito que tão cedo possamos faturar em um ano perto de 600 milhões de dólares de turismo, como fez o México em 1958. O México é vizinho do dinheiro gordo do americano, e o Brasil é longe dos Estados Unidos e da Europa. Por sinal que, invejando os mexicanos neste particular, devemos ter cuidado para não cair no que me parece um erro deles, que também já foi de Cuba. Quero dizer que não devemos dar nenhuma facilidade ao estabelecimento no Brasil de hotéis e casas de diversão de propriedade de empresas estrangeiras — que, afinal de contas, mandam de volta para o estrangeiro uma boa parte da renda do turismo.

Mas que tenha a palavra o B.N.D.E.

921